

O Brasil entre a África e o 1º Mundo

Revista de Brasília

24/02/1994

SEIS ANÁLISES SOBRE O PAÍS

Rio — O Brasil este ano pode se aproximar da Somália, segundo previsões do sociólogo Hélio Jaguaribe, ou se aproximar do Primeiro Mundo, pela visão do presidente do grupo Xerox do Brasil, Carlos Salles. Essas são algumas das opiniões contidas na publicação "Brazil Social and Economic Survey 1994", que alguns dos mais importantes investidores americanos, como fundos de pensão, bancos, consultores e os mais influentes empresários brasileiros começaram a receber. Ela traça alguns possíveis cenários sociais e políticos do País neste ano, conforme o depoimento de 10 intelectuais brasileiros das mais diferentes tendências.

A publicação, distribuída anualmente pelo Banco Arbi, se baseia em entrevistas feitas entre os dias 17 de novembro e 22 de dezembro do ano passado, pela Insight Engenharia de Comunicação. Os entrevistados foram os economistas Mário Henrique Simonsen e Roberto Campos; os empresários Jorge Gerdau e Carlos Salles; e os sociólogos Herbert de Souza e Hélio Jaguaribe.

Exceto Hélio Jaguaribe, ex-secretário de Ciência e Tecnologia do governo Collor, todos concordam que são "mínimas" ou muito difíceis as possibilidades de volta das Forças Armadas ao controle do Estado ou o surgimento de uma crise institucional. Para ele, que pertence ao PSDB, é pouco provável que o plano de estabilização seja aprovado sem graves alterações. Com isso, o País se encaminharia para a hiperinflação e para mais uma década perdida, se aproximando do perfil econômico-social de países africanos.



■ **Hélio Jaguaribe** (sociólogo, ex-secretário de Ciência e Tecnologia) — "Se o plano de estabilização não for aprovado, a primeira consequência séria será a inflação galopante disparando no primeiro semestre de 94. Se a inflação sair do controle e se transformar em hiperinflação, num país em que 60% da população vive da mão para boca e 30% estão abaixo da linha de pobreza, a convulsão social é inevitável. E não será apenas uma violência ocasional, como na Argentina, mas vão estourar levantes selvagens em todas as grandes cidades brasileiras, possivelmente saindo do controle das Forças Armadas. Num cenário caótico e totalmente imprevisível, a única coisa que se poderia prever com certeza é que não haveria eleições em 94. Se as Forças Armadas forem incapazes de controlar a situação o Brasil ficará entregue a gangues, em luta entre si, algo como um Líbano. Esse é o pior dos cenários, sob as atuais circunstâncias. E infelizmente não é remoto".

■ **Carlos Salles** (Diretor-presidente da Xerox do Brasil) — "Sou um otimista sobre as perspectivas de curto prazo do Brasil. Pela primeira vez na história, estamos seriamente discutindo o papel do Estado no País. É uma ocasião histórica quando o cidadão comum chega à conclusão de que o Governo não produz dinheiro, apenas maneja recursos. Pela primeira vez o País está dizendo "basta" à pilhagem dos procedimentos fiscais. Havia um entendimento social de que o Governo podia tudo porque tinha o dinheiro. Agora, os brasileiros estão compreendendo que o dinheiro é nosso e está sendo mal gerido. De repente os ladrões de nossos impostos estão acuados como nunca antes".

■ **Herbert de Souza, "Betinho"** (Sociólogo e diretor do Ibase) — "Não estou certo de que os partidos de direita vão conseguir um bom candidato para as próximas eleições. Tenho a sensação de que muitos vão se inclinar à exigência popular por mais ética. A questão é se escapará ileso das investigações do Congresso algum possível candidato da direita. Não ter candidato não é o único problema dos conservadores. Eles não têm quem apoiar. O prefeito Maluf dificilmente preencherá as condições. Seu problema, aliás, sempre foi ético. Se ele falhou no passado, como ele vai fazer agora que a ética se tornou uma onda higienizadora na política? Nós teremos num lado o presidente do PT, Luiz Ignácio Lula da Silva, que será atacado por todos os lados. Outros candidatos como Covas e Britto são também candidatos éticos. Só os desafiantes éticos vão ter condições para entrar na disputa. Isso é um grande avanço político para o Brasil".

■ **Jorge Gerdau** (Presidente do Conselho do Grupo Gerdau) — "Brasil preenche todos os requisitos para continuar a atrair capital do mercado internacional. Alguns fatores podem prejudicar o País, entretanto. A reforma constitucional pode ser muito tímida. Se Lula for eleito, o fluxo de capital certamente vai diminuir. Lula tem uma posição correta sobre muitas coisas, mas ele insiste na propriedade estatal, em proteger grupos de interesses. Isso é totalmente contrário ao que o mundo pensa, e não leva a um país moderno. O pragmatismo do mundo hoje não permite que nenhum presidente se mova contra a tendência internacional. Para crescer, o Brasil precisa se tornar parte de uma comunidade mundial. As tendências globais vão forçar que qualquer governante, seja ele quem for, respeite seus termos. Isso envolve uma difícil transição. O PT ainda está operando muito em torno de definições teóricas".

■ **Roberto Campos** (Ex-ministro da Fazenda e senador pelo PPR) — "A despeito da alta inflação e do alto desemprego, não acredito em levante social. É impressionante realmente, algo sem explicação: como os brasileiros podem aguentar essa situação? Uma inflação de 1000% ou 2000% e não há nenhuma ruptura institucional. É um caso que chamo de "crise do sucesso pela metade". Por exemplo, a Petrobrás. Embora ela seja ineficiente tem uma performance melhor que suas congêneres da Argentina ou México. Por isso, a privatização anda tão devagar no Brasil. Essa "crise do sucesso pela metade" explica também porque os brasileiros são tão complacentes com a escalada inflacionária. A correção monetária e os mecanismos de indexação permitem às pessoas obter uma margem mínima de ganho contra a inflação".



■ **Mário Henrique Simonsen** (Ex-ministro da Fazenda e membro do quadro de diretores do Citicorp) — "O ministro Fernando Henrique está adotando as medidas certas, mas as condições políticas não poderiam ser mais adversas para um programa de estabilização. Normalmente, esses programas são postos em prática por um governo recém-eleito, tomando posse com grande autoridade conferida pelo voto popular e trazendo novas promessas para a população. Isso não é o que acontece com o governo Itamar. A administração Itamar não é nova. De fato é uma administração de segunda mão, por causa da maneira que ele acabou no poder. O Fernando Henrique, embora seja um homem capaz, é o quarto ministro das Finanças. Eu diria que o plano dele exige algo dos políticos e legisladores que é muito difícil conseguir".